



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

THIAGO ROCHA DE SOUSA MARINHO

GEOPOLÍTICA ENERGÉTICA: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS EMPRESAS
NESSA CONJUNTURA

MACAPÁ-AP
2018

THIAGO ROCHA DE SOUSA MARINHO

**GEPOLÍTICA ENERGÉTICA: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS
EMPRESAS NESSA CONJUNTURA**

Artigo apresentado ao Colegiado do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Professor Dr. Gutemberg Vilhena Silva

MACAPÁ-AP

2018

GEOPOLÍTICA ENERGÉTICA: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS EMPRESAS NESSA CONJUNTURA

Gutemberg Vilhena Silva¹

Thiago Rocha de Sousa Marinho²

RESUMO: A energia tem importância significativa para a humanidade. Para comprovar isso basta que se olhe para a história ou que se tente viver por 24 horas sem energia elétrica. É inimaginável a vida sem ela, pois já se está ambientado ao uso de equipamentos eletrônicos no dia a dia. Desse entendimento advém o motivo da existência da geopolítica energética. Que surge da necessidade dos estados em garantir de maneira estratégica a posse de reservas e o seu abastecimento, gerando disputas e conflitos. Nessa conjuntura existem os atores, são eles: os estados, os organismos internacionais e as empresas. Cada um com sua essencialidade para o cenário energético. Isto posto, cabe uma discussão mais estrita sobre as empresas, representadas por duas do setor de hidrocarbonetos e que atuam na parte *offshore* da Guiana Inglesa: A *CGX Energy Inc* e a *Exxon Mobil*. Desta forma os objetivos são dois: abordar sobre a geopolítica energética, energia e os seus atores e identificar quais os tipos de empresa, qual a sua importância e como se inserem em ambiente de disputa. Para isso adotou-se como metodologia a revisão bibliográfica.

Palavras chave: Geopolítica energética; atores; empresas; *CGX Energy*; *Exxon Mobil*.

ENERGY GEOPOLYTICS: A DISCUSSION ON THE COMPANIES IN THIS CONJUNCTURE

Abstract: Energy has significant importance for humanity, to prove it is enough if you look at history and try to live for 24 hours without electricity. It is unimaginable to live without it, since it is already set to the use of electronic equipment in everyday life. Hence it is possible to gain an understanding of why energy geopolitics exists, which comes from the states' need to strategically secure the possession of reserves and their supply, generating disputes and conflicts. At this juncture there are actors, they are: states, international organizations and companies. Each one with its essentiality to the energetic scenario. That said, there is a more stricter discussion about the companies, represented by two of the hydrocarbon sector and that operate in the offshore part of English Guyana: The *CGX Energy Inc* and the *Exxon Mobil*. In this way, the objectives are twofold: to deal with energy geopolitics, energy and its actors and to identify the types of companies, their importance and how they fit in the context of a dispute. For this, the bibliographic review was adopted as methodology.

Key Words: Energy Geopolitics; Actors; Companies; *CGX Energy*; *Exxon Mobil*.

1 INTRODUÇÃO

¹ Docente do Curso de Relações Internacionais, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amapá (DFCH, UNIFAP). Pesquisador do Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFron), líder do grupo Políticas Territoriais e Desenvolvimento (POTEDS) e coordenador do Mestrado em Estudos de Fronteira (PPGEF) na UNIFAP. E-mail: bgeografo@gmail.com

² Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá. E-mail: marinho.thiago17@gmail.com

Este trabalho propicia uma discussão sobre a geopolítica energética em meio à sociedade internacional, mais estritamente sobre atores do setor energético. Perpassando pelo enfoque sobre quais são seus tipos, como atuam e qual a sua importância. Para isso, primeiro se contextualiza o assunto e depois se busca uma abordagem mais específica, que é uma discussão de forma comparada, sobre as empresas *CGX Energy Inc.* e a *Exxon Mobil Corporation*.

O artigo está dividido em quatro partes, além da parte introdutória e da conclusão, que seguem a lógica dedutiva. Na primeira parte analisa-se a importância da energia para a sociedade internacional e para todos. Tratando de sua essencialidade, que emerge da necessidade que a humanidade tem dela para garantir sua sobrevivência, que para isso busca produzi-la para o uso devido. Nota-se que é essencial ao se tentar imaginar passar algumas horas sem energia elétrica, poderia ser possível sobreviver, mas seria mais complexo por se estar ambientado ao uso dela, desde atividades mais simples até as mais complexas. É impossível pensar em 24 horas sem ver TV, ouvir música, acessar a internet, passar roupas. Depois se trata de aspectos históricos, que mostram o desenvolvimento da energia em conformidade com aumento das necessidades humanas.

Na segunda parte, o assunto tratado é a geopolítica energética. Primeiramente se mostra como a geopolítica permite a inserção de novas abordagens próximas das relações internacionais, fazendo com que conceitos novos como o de geopolítica energética apareçam. Desta forma, a geopolítica energética se compreende como a análise do aglomerado de unidades estratégicas e geopolíticas que decidem a respeito dos recursos energéticos sobre a guarda de um ator, fato que pode considerar a localização geográfica das fontes de energia e as disputas geopolíticas e estratégicas entre os atores (OLIVEIRA, 2015). Neste tópico também é abordada a questão da matriz energética mundial, de suas características, das principais fontes utilizadas no mundo e se discute a questão do petróleo e a possibilidade de seu pico.

Na terceira parte faz-se uma abordagem dos atores que participam do cenário energético e que são responsáveis por mantê-lo da maneira como está atualmente, em um ambiente de competição e disputa pelo controle dos recursos. Esses atores são: os estados, as organizações internacionais e as empresas. Os estados são mostrados como centrais por serem responsáveis pelo abastecimento e pela

tomada de decisão quanto aos recursos energéticos de sua jurisdição, além de impor políticas para a área. As organizações são tidas como secundárias aos estados, por dependerem, muitas vezes, deles para seu funcionamento. Mas não deixam de ser importantes no que tange o compartilhamento de ideias e na tomada de decisão conjunta a nível internacional. E as empresas, que também são fundamentais, por estarem responsáveis por explorar matéria prima, explorar e comercializar a mercadoria, para que todos tenham acesso.

Na quarta parte, são abordadas duas empresas privadas que atuam na costa da Guiana inglesa e que são do setor de hidrocarbonetos com vistas a identificar que tipos de empresas atuam no setor energético. A *CGX Energy Inc.* e a *Exxon Mobil Corporation*. Apesar da similaridade, muitas diferenças são notadas entre elas. Essas diferenças começam pelo tamanho das empresas, enquanto a *CGX Energy Inc.* é uma empresa de pequeno porte, nova, que atua somente na Guiana e depende do sucesso das explorações para obter lucro a *Exxon Mobil* é considerada de grande porte, tradicional remanescente da poderosa *Standard Oil*, que atua em mais de 200 países e que não depende do sucesso na área para lucrar, podendo inclusive arcar com possíveis prejuízos com a exploração.

2 ENERGIA

O entendimento do que é energia e de sua importância para todos pode passar pelo seu significado. Logo, uma concepção pode ser observada a seguir:

“Energy does things for us. It moves cars along the road and boats on the water. It bakes a cake in the oven and keeps ice frozen in the freezer. It plays our favorite songs and lights our homes at night. Energy helps our bodies grow and our minds think. Energy is a changing, doing, moving, working thing.”

(Secondary Energy Infobook, 2017, p.1)

Para além disto, de maneira mais objetiva, a palavra energia pode ser definida como o poder ou capacidade que um sistema físico, uma substância ou um corpo tem de realizar trabalho ou de produzir mudanças³, ou de gerar força. É sabido que ela não pode ser criada, mas somente transformada a partir de sua origem. Pode ser caracterizada de pelo menos duas maneiras diferentes. A primeira quanto as suas fontes, dividindo-se em energias renováveis e energias fósseis⁴. A segunda quanto suas formas, estas que são variadas: cinética, térmica, solar, eólica,

³Disponível em: <<https://www.conceitos.com.br/energia/>> acesso em 20/12/2017.

⁴ Também conhecidas como energia de fluxo (renováveis) e de estoque (não renováveis) (FUSER, 2013)

química, nuclear e elétrica. Estas formas surgem de três interações da natureza: gravitacional, eletromagnética e nuclear e podem ser transformadas em energias para satisfazer as necessidades humanas.

Energia é proeminente ao desenvolvimento e essencial para a manutenção da vida na terra. Ela sempre esteve presente na vida dos seres humanos. Foi a base para que muitos eventos marcantes acontecessem, bem como foi decisiva para o resultado de alguns. Convindo de maneira direta para a sua atual configuração, com um grau de evolução em seu mais alto nível. A sua importância para a sociedade pode emergir da relação existente entre os termos, que é própria da evolução da sociedade humana, perceptível no decorrer da história.

Como já dito, a energia pode ser definida basicamente como a capacidade de fazer alterações de realidades. Um exemplo muito claro é quando se ferve a água. Com isso ela muda de estado (em que ocorre a vaporização, passando do líquido para o gasoso) e toma uma configuração diferente. Tendo isso como base, no ambiente de convívio da sociedade é possível perceber a energia presente de diversas formas. Da mesma maneira que esteve presente ao longo da história humana. Dizer que ocorreram avanços e evoluções do setor de energia seria algo óbvio, pois isso é notório entre os que vivem neste início de século. Esta evolução se dá principalmente na forma como é usada e segue o avanço da tecnologia com o passar do tempo.

No decorrer da história uma diversidade de fontes de energia foi usada, desde a força do homem até o carvão, o petróleo e o vento. É possível perceber que o tipo e os usos das fontes evoluem de acordo com o aumento das necessidades humanas (MARQUES & AFONSO 2011). Desta forma, existe um caminho diretamente proporcional entre as duas coisas. Quanto maior a necessidade humana, maior a evolução do uso da energia. Estas necessidades aumentam em função de três fatores: a diversificação do trabalho, a unificação de tarefas e a busca maior pelo mais alto nível de conforto (MARQUES & AFONSO 2011). Tem-se notícia de que as primeiras civilizações tinham acesso à energia, mas somente de duas formas: A energia do sol e a energia produzida pelo corpo propiciada pela queima de calorias (FUSER, 2013). No começo da história, a 1,9 milhões de anos, o fogo era utilizado pelos hominídeos. Há 200 mil anos, tem-se

notícia de que o *Homoneaderthalesis* usava o fogo para fabricar alimentos (CARVALHO, 2014).

Ao longo da história a dependência do homem para com a energia aumentou. Há 6 mil anos surgiram as primeiras civilizações na mesopotâmia, sobrevivendo da cultura irrigada de cereais, usando como fonte de energia a força muscular de cavalos e a força cinética da água, Da mesma maneira ocorre no ocidente durante a idade média, quando aparece a silvicultura como alternativa a alvenaria, sendo amplamente usada para a construção naval. No decorrer do tempo outras fontes foram aparecendo. No século XVIII o carvão se torna a principal fonte de energia, tornando-se primordial para a revolução industrial daquela época. No final do século XIX, o uso de energia elétrica recebe um grande impulso com a criação da lâmpada incandescente por *Thomas Edison*, da locomotiva elétrica por *Werner Simiens*, do motor de corrente alternada por *Nikola Tesla* e com o surgimento das primeiras hidrelétricas (CARVALHO, 2014). No século XX o petróleo toma o lugar do carvão e se torna o motor de mudanças significativas no mundo, tanto do ponto de vista econômico quanto do social. É somente nos anos 1970 que se começa a falar das fontes alternativas, pois é o momento em que se inicia a preocupação das nações com meio ambiente e em que se tem as primeiras previsões e sinais de escassez.

Hoje a energia pode ser avistada como um recurso de poder para as nações, tendo como exemplo o século passado, a partir do qual foi notório para as potências mundiais que a posse dos recursos e tecnologias energéticas passou a ser estratégica quanto a questões de defesa contra ameaças exteriores e demonstração de poder. Desta forma, é possível que ela seja uma possibilitadora do acúmulo de poder a longo prazo, a partir de seu centro de decisão energética⁵ e seja, ao mesmo tempo, um indicador da capacidade do exercício desse poderio na relação de forças no sistema internacional. (OLIVEIRA, 2012).

3 GEOPOLÍTICA ENERGÉTICA

Geopolítica é basicamente o estudo das relações de poder entre os estados em um espaço geográfico. É um conhecimento bastante discutido na área das ciências políticas, geografia e estudos estratégicos. Essa área do conhecimento se dedica ao estudo de maneira aproximada da relação entre política e geografia

⁵ Lucas Kerr de Oliveira (2012) define como Centro de decisão energética, o exercício das decisões sobre toda a estrutura logístico-energética de um estado.

(MARTINS, 2011). Em outro conceito, do IESM (Instituto dos estudos superiores militares) seria o:

“Estudo das constantes e das variáveis do espaço que, ao objetivar-se na construção de modelos de dinâmica do poder, projeta o conhecimento geográfico no desenvolvimento e na atividade política”.
(IESM,2012 apud CORREIA, 2012, p.4)

Isto posto, é possível entender a geopolítica energética inserida em um novo contexto geopolítico, possibilitado por uma derivação semântica, em que a geopolítica perde sua identidade originária. A própria utilização ampla do termo nos estudos de relações internacionais emerge como consequência natural dessa perda⁶.

Esse novo contexto é entendido como o de uma nova geopolítica, em que emerge a separação do ideário de geopolítica e geoestratégia e o estado já não é o principal objeto de estudo, mas sim o espaço (CORREIA, 2012). Deste modo, ocorre uma quebra de paradigma em que o espaço passa a ser o objeto de estudo.

No momento em que se fala a respeito de geopolítica energética, a imagem recorrente é de guerras e conflitos (exemplo: a guerra Irã-Iraque, guerra do Golfo), embora outras variáveis e expressões resultem similarmente do tema. Isso pode ocorrer também em função de que a maioria das guerras do século passado terem envolvido a questão dos recursos energéticos (HEIMBERG, 2005). No jogo geopolítico global a busca por fontes de energia é proeminente, haja vista que se tornou fundamental para a divisão de poder.

Isso pode ser notado quando se observa a dependência das instituições políticas atuais por energia para se manter de modo apropriado, ou quando se avalia a história e se percebe que muitas sociedades só chegaram a um alto crescimento econômico em virtude de um alto consumo de energia (OLIVEIRA, 2012).

Nesse contexto, percepções geopolíticas são vistas na busca por acesso à energia, que implica uma conexão progressiva entre consumidores e produtores, abrangendo conflito, negociação e consenso entre os atores (FUSER, 2013), também podendo expressar-se por meio da competição pelo controle de reservas e

⁶ Pedro de Pezarat Correia (2012) trata de derivações semânticas, que contribuem para a perda de identidade geopolítica. São elas: a utilização nas relações internacionais, a geografia política, a grande política e a polemologia, que seria ligada aos conflitos, crises e ameaças.

lugares onde se produz, em que se abrange a extração, o refino e o transporte (BARROS, 2007).

Tudo isso em um cenário de multipolaridade, tornando a posse de recursos energéticos por parte dos países emergentes algo estratégico, apesar de a simples posse não garantir o desenvolvimento, como no caso da Angola com o petróleo, pois é necessário o controle de tecnologias e técnicas de produção.

3.1 MATRIZ ENERGÉTICA MUNDIAL

No contexto da geopolítica energética é indispensável uma análise da atual matriz energética, que é a soma das fontes de energéticas utilizadas em no mundo todo. Esta verificação é relevante para se avaliar as principais fontes energéticas utilizadas atualmente na relação de consumo e venda, bem como para se pontuar os avanços e mudanças ocorridas no cenário internacional.

No que tange às mudanças e avanços no cenário energético, é possível trazer o que fora apontado pela *International Energy Agency*⁷ (IEA). Seriam pelo menos 4 pontos de grandes mudanças no cenário energético global ocorridas até 2017, em um cenário atual voltado para políticas diferentes e novas e em que a carência por energia aumenta em menor número em relação ao passado.

O primeiro ponto cunhado pela IEA fora o surgimento da possibilidade de desenvolvimento rápido das energias sustentáveis e limpas, da mesma maneira que também ocorreu uma queda nos custos com o uso de tecnologias desse setor. Isso em função de uma mudança tida nos últimos 25 anos, em que se mudou a forma como se atende a indispensabilidade de energia. Ainda segundo a agência, até o ano de 2040 elas devem se expandir em 30%, seria o equivalente ao uso da China e da Índia somados a realidade de hoje.

Desta forma, os níveis de poluição devem diminuir, em um contexto de maior eficiência energética, aliada a um uso maior de energias renováveis. Tudo isso beneficia ainda mais países que tem um menor custo para produzir esse tipo de energia, tal qual o Brasil, que atualmente tem 39% de sua energia primária de fontes renováveis, um contraste diferente do mundial que é de aproximadamente 9%.

⁷ Disponível em: < <https://www.iea.org/weo2017/>> acesso em 22/12/2017.

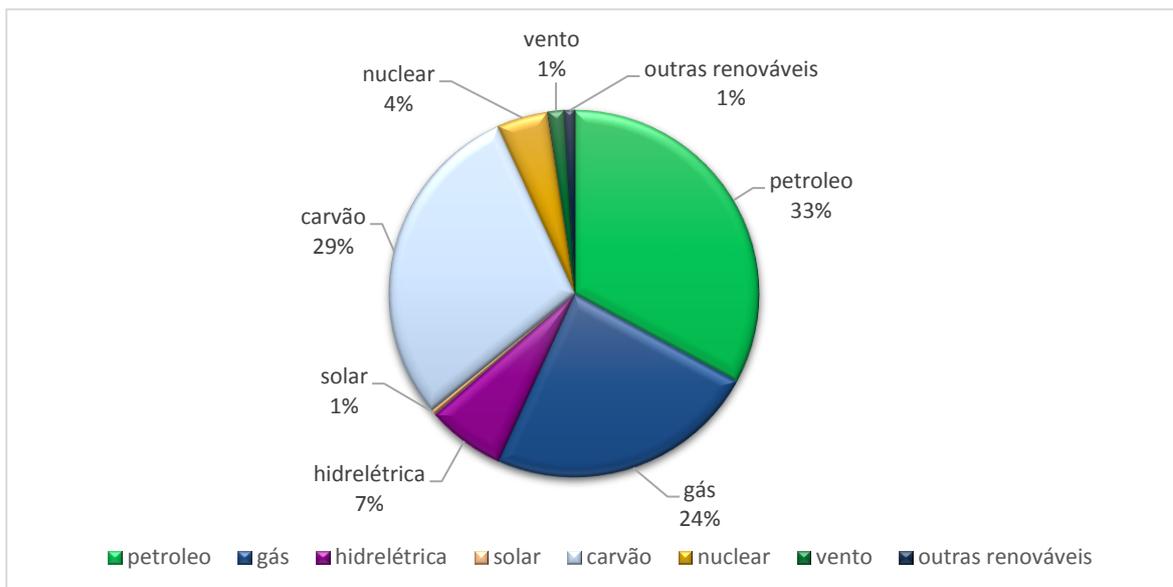
O segundo ponto, foi o crescimento do uso da energia elétrica, que deverá até o ano 2040 passar a representar um terço da energia utilizada no mundo, tornando-se a que mais crescerá. Segundo a IEA, isso será possível em virtude de políticas de descarbonização, de uma mudança na escala futura de busca por energia e um uso de tecnologias digitais como auxiliadoras do uso eficiente de energia. Tudo isso em um alinhamento da indústria com as políticas mais voltadas a eletricidade, fazendo com que ações como o aumento da frota global de carros com motores elétricos de 2 milhões atualmente para 280 milhões em 2040, sejam comuns.

O terceiro ponto foi o fato de a China, um dos principais atores do setor energético, passar a ter seus serviços e sua economia mais voltados ao uso de energias não poluentes, estando em uma nova era de desenvolvimento, colocando o setor energético em um sentido diferente, caracterizado por tecnologias mais limpas, digitais e de alta eficiência. A IEA ainda coloca a China com ator estratégico no setor de energia.

Deverá ultrapassar os Estados Unidos como maior consumidor de energia em 2030 e como maior produtor de energia nuclear. Mas, apesar do maior uso de energias não renováveis, o país passará a influenciar de maneira diferente, a partir das mudanças pelas quais passa, desempenhará no futuro, um papel importante na determinação de predisposições globais para a utilização de energia limpa. A implantação de energia limpa, a exportação de tecnologias e o investimento externo farão com que a China seja peça chave na transição de energia para outras com baixos níveis de carbono.

O quarto ponto trazido pela IEA, seria o gás de xisto nos Estados Unidos, que também é um ator diretamente influente no cenário e o acesso complexo ao petróleo, que parece ficar mais escasso neste país. Apesar disto, entre 2010 e 2025 é previsto o maior crescimento da produção de petróleo sustentado por um único país, chegando a possuir 80% do fornecimento mundial de petróleo e em uma expansão que já é perceptível e que já diretamente impacta a América do Norte com grandes investimentos no setor petroquímico.

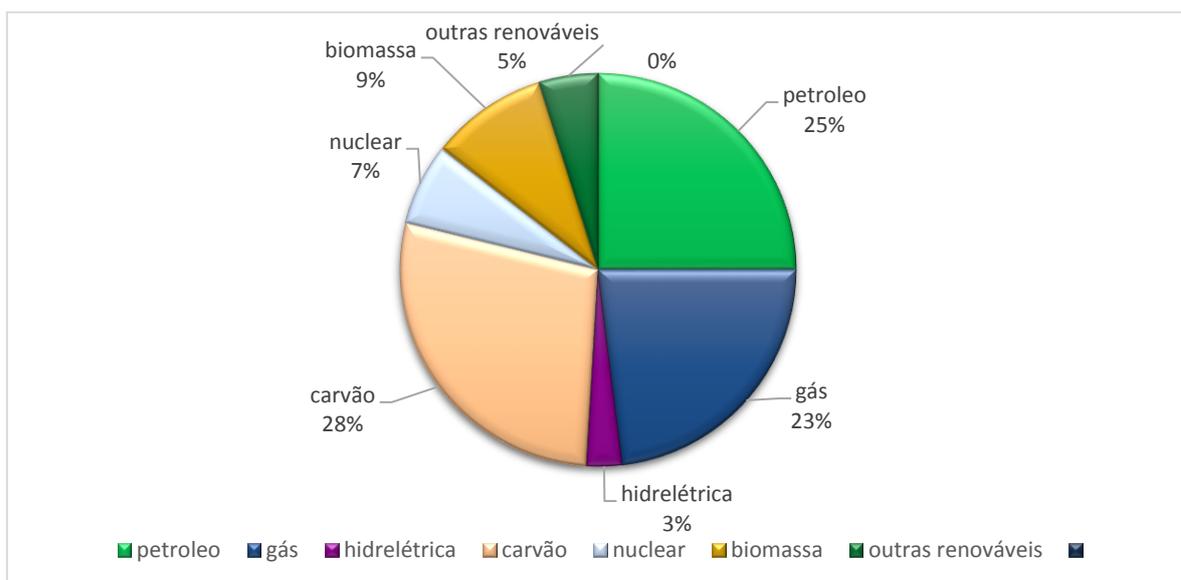
Gráfico 1 – Consumo mundial de Energia (2017)



Elaboração do autor com base em dados da)

No contexto da atual IEA (2017matriz energética, vale destacar que os combustíveis fósseis são os mais utilizados e os responsáveis pelo maior percentual de poluição do planeta. Isso é comprovado na Gráfico 1 acima, com informações do *World Energy Outlook (WEO)*, da IEA. Em que o petróleo aparece como a fonte primária mais utilizada no mundo, representando 33% do consumo mundial, dominando o mercado, seguido do carvão mineral com 29% e do gás natural com 24%.

Gráfico 2 – Consumo mundial de Energia, em 2040.



Elaboração do autor com base em dados da IEA (2017)

Ainda em sua previsão para os anos seguintes, até 2040, apesar de prever um crescimento de outras fontes primárias de energia, principalmente as renováveis

e consideradas como energia limpa, os combustíveis fósseis ainda estarão dominando o consumo mundial de energia, como mostra o Gráfico 2 acima.

3.1.1 PETRÓLEO, O FIM DE SEU DOMÍNIO?

É possível dizer que o petróleo foi a mercadoria mais importante do século XX (FUSER, 2013) e permanece no começo do século XXI como fundamental para a sociedade internacional e para os atores que a compõem. É a fonte de energia mais usada no mundo, caracterizada por ser um recurso estratégico para o jogo geopolítico global, já que possibilita a geração de riquezas. Mas será que um dia esse recurso acabará? Ou deixará de ser a principal fonte primária? Em meio a esses questionamentos é possível trazer o pensamento de Sachs (2007). Para ele, haveria uma revolução do paradigma energético mundial no começo do século XXI, que ocorreria por três motivações. A primeira seria a aproximação do pico do petróleo, conhecido como pico de Hubert⁸, apontado por alguns geólogos para o século atual. A segunda seria uma espécie de governança voluntária e severa de diminuição da utilização de energia não renovável para prevenir alterações ocasionadas pelos gases de efeito estufa (SACHS, 2007). O autor acrescenta, em terceiro, que a insegurança e a atemorização a paz vinda da geopolítica do petróleo.

Entretanto, acredita-se que o que poderá ocorrer está mais próximo da previsão de Leonardo Maugeri (2012), que apresenta uma visão de uma evolução significativa na produção do petróleo e dos combustíveis fósseis, previsão que é semelhante à da AIE e contrária à de Ignacy Sachs. Logo, para ele não haveria uma revolução energética, com possível substituição do petróleo por outras fontes neste século até 2020, mas sim uma evolução de sua produção. Essa evolução levaria a uma superprodução de petróleo, fazendo com que seus preços diminuam (fato percebível hoje). Existem dois lados dessa previsão, a mais otimista aponta que até o ano de 2020 a produção de petróleo tida em Mpd (milhões de barris por dia) tenderá a aumentar para mais da metade da produção que se tinha em 2012 (ano de sua previsão, em que a produção era cerca de 84 Mpd) e a menos otimista, que

⁸ Segundo Fernando Pimentel (2011) o pico de *Hubbert* ou *humbert's peak* é uma teoria formulada por *M. King Hubbert* (1956). Para ele, o petróleo dos estados unidos atingiria seu pico nos próximos 50 anos. Tendo em vista a tendência inicial de aceleração da produção. Posteriormente a isso ocorreria um declínio em que a produção chegaria à zero. Essa teoria foi posta como global, compreendendo-se que um dia a produção mundial de petróleo chegará a um pico.

considera os diversos riscos e aponta para um acréscimo de 17,6 Mpd a Produção anual, alcançando a marca de 110 Mpd no ano de 2020.

Logo, acredita-se que o petróleo um dia possivelmente se extinguirá e seu uso poderá seguir dois rumos: o da conservação de energia⁹ e o de uma substituição por outras fontes de energia, mas até o ano de 2040 continuará a ter uma demanda crescente, o que deve ocorrer é uma mudança no uso final, impulsionada por fatores como o uso em larga escala que ocorrerá dos carros de motor elétrico, que chegarão perto dos 900 milhões nesta data. Então é possível dizer que o petróleo não está perto de seu fim, no subsolo do globo terrestre ainda está disponível uma quantidade suficiente para abastecer a demanda mundial por pelo menos mais 4 décadas. Mas o risco de escassez já não é negado pela sociedade internacional, sendo aceito de maneira consensual, o desafio está na busca por alternativas para mudança no paradigma energético, para que se evite um descompasso entre oferta e demanda e por consequência um choque nos preços, podendo gerar situações conflitantes.

4 ATORES

É importante considerar os principais atores ligados às questões energéticas, os estados, os organismos internacionais e as empresas, que geralmente estão envolvidos na relação de exploração, produção e exportação a matéria prima energética.

4.1 ESTADOS COMO CENTRO

No contexto energético internacional, os estados são considerados os principais atores existentes, influenciam e exercem suas relações no sistema internacional, tendo por base sua soberania com potencial de decisão no abastecimento energético interno. Assim como em outros setores, apesar do avanço da globalização e da diminuição das fronteiras entre os países serem fortalecedores do surgimento de atores não estatais, o estado permanece como principal ator (FUSER, 2013). O principal motivo para isso é o poder que possuem para tomada de decisões quanto a utilização dos recursos disponíveis em seu território e para moldar sua população a políticas energéticas. Esse poder também

⁹ Segundo o site Khan academy (2017), conservação de energia seria quando “variável tem o mesmo valor antes e depois de um evento”. Ou seja, seria uma alternativa que aliada a um uso eficiente evitaria gastos excessivos. Disponível em: <<https://pt.khanacademy.org/science/physics/work-and-energy/work-and-energy-tutorial/a/what-is-conservation-of-energy>> acesso em : 22/12/2017.

é perceptível de outras formas, como através do incentivo financeiro em pesquisas e do financiamento de outros atores não estatais, em que existira como base o interesse público.

Além disso, o estado também demonstra poder pela arrecadação de taxas, impostos e diferentes formas de cobrança existentes (em alguns países pode ser a forma precípua de receita), através de normas fiscais, para impulsionar a população a moldes de consumo e para regulamentar a maneira como se dá a interação do capital privado com recursos energéticos estatais (FUSER, 2013).

Em último caso, em uma conjectura mais geopolítica, o poder do estado no contexto energético internacional se demonstra por meio da ameaça de conflito e de seu poderio militar como forma de assegurar a posse ou o acesso aos recursos energéticos. Outro fator que coloca os estados no centro é a representação através instrumentos, que podem ser as empresas estatais, estas que no setor de hidrocarbonetos possuem 85% das reservas provadas e ao mesmo tempo as 10 maiores do setor são estatais ou mistas (FUSER, 2013).

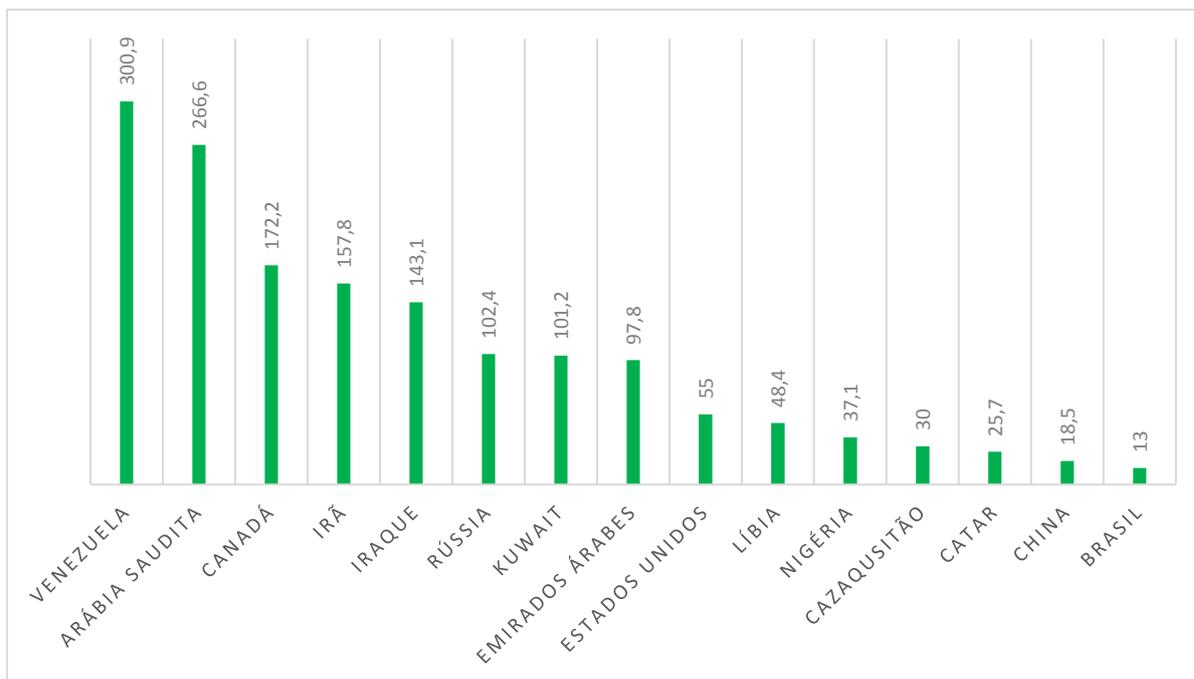
Logo, é possível fazer uma divisão dos estados no sistema geopolítico energético de hoje em duas partes. A primeira seriam as dos países que são os principais consumidores ou importadores de energia. E a segunda dos países que produtores. Tal divisão é feita a partir da produção de petróleo, que é a principal fonte de energia no mundo.

Entre as regiões que exportam petróleo o oriente médio possui 54,4% das reservas provadas do mundo, seria o equivalente a 752,2 bilhões de barris, o que mostra uma divisão desigual das reservas pelo planeta, segundo dados da *British Petroleum*. Na alocação dos países como maiores reservas 5 dos 8 primeiros lugares são da região, como mostra o gráfico abaixo. Isso a coloca como estratégica para o sistema internacional. Tal posição é ajudada pela presença da Arábia Saudita, que é um país considerado como *swing producer*¹⁰, capaz de alterar o mercado petrolífero a partir da oferta que possui, tendo como potencial para isso uma grande quantidade ociosa ou não explorada de petróleo. Além do oriente médio vale destacar a Venezuela, como maior produtor da América e a maior reserva

¹⁰ Igor Fuser (2013) define o termo como uma posição de privilégio, seria um estado que tem uma quantidade significativa de reservas de petróleo, capaz de fazer a oferta crescer por um tempo significativo.

provada do mundo e a Rússia que está entre os países que lideram a produção global, apesar de ter a sexta maior reserva do mundo, além do Brasil que aumentou suas reservas depois da descoberta das reservas do pré-sal e aumenta seu potencial como ator deste ambiente.

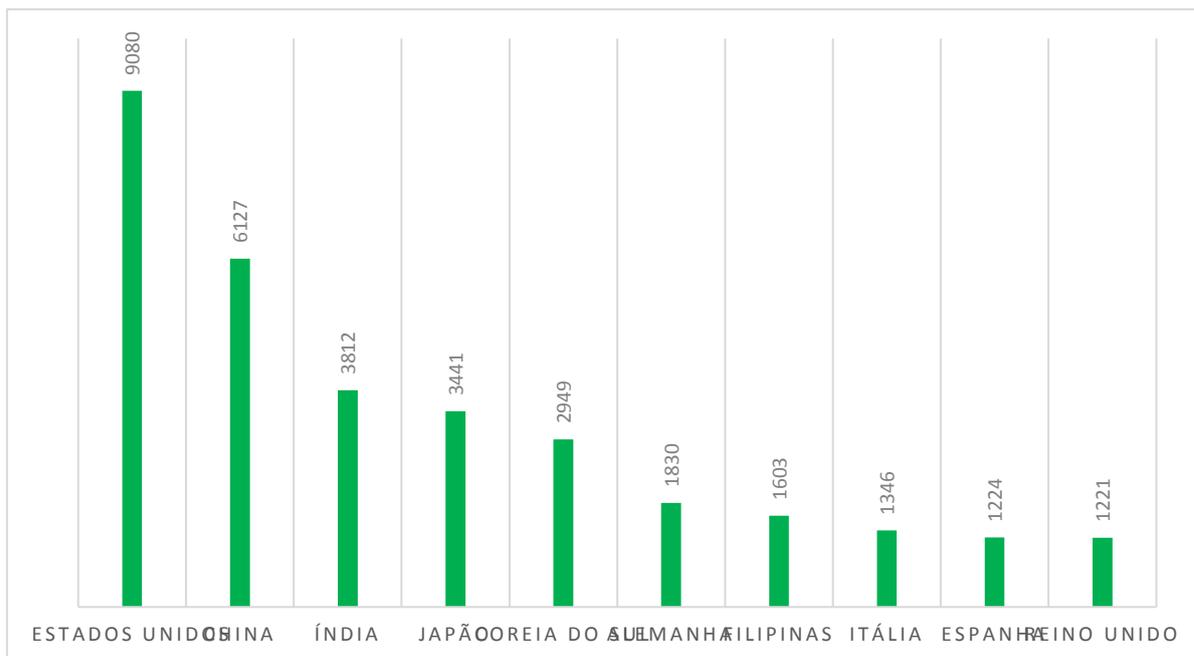
Gráfico 3 – Reservas Prováveis de Petróleo-2017.



Elaboração do autor com base em dados da IEA (2017)

Entre os estados que consomem ou importam energia, destacam-se os Estados Unidos, a China, Índia e o Japão, como é possível ver na Gráfico 4 abaixo. Os Estados Unidos é o maior consumidor de petróleo, com apenas 5% da população mundial já consomem cerca de 21% do que é produzido em todo o planeta, desse consumo 49,7% vem de exportações do exterior, que já foi maior em períodos anteriores, mas caiu em virtude de iniciativas como a do petróleo de xisto. Essa dependência pode ser considerada como um “calcanhar de Aquiles”, porque em hipótese de conflito ou guerra a níveis globais o País estaria em risco em virtude da dependência (FUSER, 2013).

Gráfico 4 – Maiores importadores de Petróleo – 2017 (Milhões de barris/dia).



Elaboração do autor com base em dados da IEA (2017)

A China entra no cenário energético impulsionada por seu crescimento econômico, o exemplo disso é que em 1990 o consumo de energia na china em um percentual global era de 8%, e em 2006 passou a ser de 16%. Este País que já foi exportador de petróleo até o ano de 1993 e em 2005 passou a ser o segundo maior consumidor do mundo. Vale destacar que o carvão é principal fonte usada no país, que consegue ter a maior produção mundial e ser, ao mesmo tempo, o maior consumidor.

4.2 ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Os organismos internacionais que são imprescindíveis para a geopolítica energética atual são a Agência internacional de energia (IEA) e a organização dos países exportadores de petróleo (OPEP).

A IEA é um organismo que mantém vínculos institucionais com a OCDE, surgiu em 1974 e está situada em Paris. De início emergiu como reação ao primeiro choque do petróleo, sendo uma associação de países desenvolvidos. Hoje cerca de 27 membros a compõem, em sua maioria países que importam petróleo. Ela funciona como um órgão interestatal quem tem o intuito de coordenar políticas para assegurar a segurança energética de seus membros e o compartilhamento de informações do ramo da energia.

A OPEP, que representa a parcela dos estados que exportam petróleo, foi criada na década de 60 pela Venezuela e pelo conjunto dos países exportadores do

oriente médio. O objetivo era fazer frente ao oligopólio das chamadas setes irmãs, que surgiram na década de 20 e controlavam grande parte das reservas petrolíferas mundiais, bem como ditavam os preços no mercado internacional. Desta forma era precípuo juntar forças para ter um controle maior sobre o petróleo que elas próprias produziam, aumentando o lucro. Com os objetivos foram alcançados, hoje a organização tem sede em Viena, onde realiza duas reuniões por ano e outros encontros, que acabam por ser decisivos para o mercado internacional.

Estabelecem-se metas de produção para os países membros, que são representados nas reuniões geralmente por seus ministros de energia ou cargo equivalente, com patamares de preço que possam atender os interesses dos produtores e consumidores (FUSER, 2013). Hoje integram o órgão a Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait, Venezuela, Catar, Líbia, Indonésia, Emirados árabes unidos, Nigéria e Equador.

4.3 EMPRESAS

Assim como os estados, as empresas podem ser classificadas de duas formas diferentes, as multinacionais privadas e as Companhias estatais nacionais. As empresas multinacionais crescem e aparecem mais forte no cenário energético em 1928, mais especificamente no setor de hidrocarbonetos, quando surge o grupo de companhias conhecido como o das sete irmãs (na época Exxon; Shell; BP; Mobil; Texaco; Gulf e Chevron, algumas mudaram de nomes, hoje são conhecidas como big Five). Montando uma espécie de cartel, chegando a ter o domínio do mercado até a guerra fria, período onde postulavam preços baixos aos países produtores e tinham o controle de 85% das reservas de petróleo no mundo. Porém a partir de 1970 elas perderam espaço para o protagonismo das empresas estatais nacionais, (COUTINHO, 2016). Tendo em vista o surgimento da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que serviria para aumentar a produção dos países exportadores, estabelecendo um aumento drástico nos preços e colocando as Companhias estatais nacionais no mercado. Isso tem reflexo nos dias atuais, onde as maiores empresas do campo energético do mundo são estatais, mesmo em face de certos lapsos de autonomia que se tem em virtude da globalização e da consequente interdependência entre os países. Apesar de existirem configurações diferentes, as empresas do setor exercem forte influência na manutenção da competição a níveis nacionais e internacionais. A importância das Companhias

energéticas é notada quando se tem disputa pela posse de locais onde se produz e das reservas, fato que envolve diretamente a extração, refino e vias de transporte (BARROS, 2007). É importante se apontar também para as características do mercado de energia em uma nova cena, em que as empresas devem apresentar um comportamento diferente para que se alcance um lugar de prestígio no mercado, levando em consideração as políticas das nações em termos de poder, que passa impreterivelmente pelo controle de recursos energéticos. Assim, é possível entender a energia como tema de *High Politics*¹¹ por afetar diretamente o poder dos estados e dentro desse contexto se entende que os diversos atores, dentre eles estados, empresas e organismos internacionais, exercem um papel que não é só econômico, mas também geopolítico, haja vista que participam de disputas comerciais, financeiras e diplomáticas que envolvem as fontes primárias de energia em todos os níveis.

Por tanto, pode ser dito que a importância da ação das empresas no cenário energético internacional nasce da argumentação de que não adianta somente ter ou controlar fontes de energia, é preciso habilidade técnica para explorar e refinar tal recurso, para transforma-lo em riqueza e por fim em um elemento de poder. Nesse sentido, as empresas multinacionais têm esse papel, tendo em vista sua importância estratégica para explorar matérias primas.

5 CGX Energy e Exxon Mobil Corporation, UMA DUALIDADE NO CENÁRIO ENERGÉTICO

Nesse contexto, é proeminente mostrar como um dos resultados da pesquisa a presença de uma diferença considerável de poder e capacidade de crescimento, entre as grandes e as pequenas empresas. Para isso, foi feito um recorte geográfico e ao mesmo tempo estratégico. Geográfico, pois as duas empresas privadas atuam no platô das guianas. Estratégico, já que são empresas que tem seus esforços voltados ao mercado de hidrocarbonetos, o mais importante e influente do setor energético, logo as duas são IOCs (*International Oil Companies*). Tal fato pode ser comprovado ao se avaliar o ranking das maiores empresas segundo a Forbes¹², em que maior parte das 20 maiores empresas do mundo são deste setor. Desta forma

¹¹ Segundo Eliti Sato (2000), *High Politics* seriam os assuntos de maior relevância no sistema internacional, enquanto que os de menor relevância são denominados de *Low Politics*.

¹²Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/as-20-maiores-empresas-do-mundo-de-2016-segundo-a-forbes/>> acesso em 10/12/2017.

procura-se mostrar o contraste existente no mercado internacional, mais especificamente no mercado da energia no setor de petróleo e gás natural.

5.1 CGX Energy inc.

É importante considerar que por ser uma empresa nova e por não possuir as mesmas proporções das empresas consideradas *Majors*, atribui-se a ela o status de *transnacional júnior*¹³. Esta é uma empresa canadense¹⁴, com escritório em Toronto, que atua somente na bacia Guiana-Suriname, onde possui três bases, nas quais trabalha com atividades de avaliação e exploração¹⁵, assim como a prospecção de petróleo e gás natural. Por isso, destaca-se que a empresa ainda não atua com exportação e comercialização, tendo em vista que ainda não conseguiu sucesso em nenhum de seus campos e não possui até o presente momento poços com potencial para realização de comércio. Cabe aqui então uma análise do ponto de vista histórico dela e de sua atuação na região das guianas, dos resultados obtidos, assim como de sua configuração atual.

Competindo a nível regional com diversas empresas de grande porte tais quais a própria *Exxon Mobil*, *Anadarko*, *Hess*, *Repsol*, *Chevron*, *Petronas*, *Tullow*, *Kosmos*, *Apachee Murphy*, a CGX, assim como as diversas que atuam na região, tem por base até os dias atuais um levantamento feito pela *United States Geological Survey (USGS)*, que pontua a bacia guiana-suriname como a segunda maior bacia do mundo com maior quantidade de recursos inexplorados. Em um dado aproximado seriam previstos a existência de aproximadamente 13,6 bilhões de barris de petróleo e cerca de 40 bilhões de metros cúbicos de gás natural não explorados. Daí emerge uma perspectiva bastante positiva quanto à exploração de petróleo na região e a possibilidade de grande crescimento da empresa com

¹³ *Transnacional Junior* não tem um conceito definido. Seria um termo usado pela própria empresa ao fazer comparação com multinacionais de grande porte.

¹⁴ É importante destacar que a maioria das informações a respeito da empresa foram encontradas no seu site. disponível em: < cgxenergy.com > e em um órgão vinculado ao governo canadense este conhecido pela sigla SEDAR disponível em < <http://www.sedar.com> >. Acesso em 12/10/2017.

¹⁵ É importante entender o conceito de exploração: é aquela que realiza os estudos preliminares para a localização de uma jazida (Departamento de engenharia da Unicamp, 2016). Nesse aspecto, vale dizer que a cadeia produtiva de petróleo envolve seis fases: exploração (prospecção), extração, transporte, refino e venda. Sendo a exploração a mais arriscada de todas, pelo quantitativo de dinheiro que se investe, sem a garantia de descobrir petróleo e mesmo quando se descobre, é necessário que sejam viáveis comercialmente. Os dados indicam que para cada 100 poços descobertos, entre 20 e 30 são lucrativos (FUSER, 2013).

embasamento na prospecção, mesmo em face de riscos. A companhia afirma ter bases consideradas estratégicas, apontando visões positivas para atrair futuros investimentos, considerando certa a geração de lucro para seus investidores no futuro, mesmo com a inexistência de descobertas.

As áreas concedidas a CGX são: Demerara, Berbice e Corentyne. Estas possuem potencial para a exploração e prospecção de petróleo e gás. Em uma área de três milhões de acres líquidos, cerca de 12,140 Km² (a licença da CGX cobre 3,3 milhões de acres brutos e três milhões de acres líquidos, cerca de 25,495 Km²). Tais áreas são tidas como uma das maiores em termos potenciais, segundo a empresa em face da movimentação da plataforma continental, que ocorreu há cerca de 50 milhões de anos.

O interesse para exploração e outras atividades na área surgiu ainda em 1996, Com o início de uma aproximação entre o governo da Guiana e os fundadores da CGX Energy, *John Cullen* e *Edris Kamal Dookie*, com vistas à compra de concessão para exploração de petróleo offshore na bacia Guiana Suriname. Tal bacia na época teria alta quantidade de hidrocarbonetos (informação vinda do estudo da *USGC*) e alta possibilidade de exploração de petróleo e gás.

Em 1998 dois fatos importantes ocorreram: O primeiro foi a compra do campo de Corentyne pela subsidiária e antecessora integral da empresa (a *CGX Resources inc.*) e o segundo foi a criação da empresa com a nomenclatura que permanece até hoje (*CGX Energy inc*). Depois disso, no ano de 2001 anexou-se a área Corentyne um total equivalente a um milhão de acres, fato possível através de uma descoberta feita pela empresa que demonstrou o potencial de exploração para o local. No ano seguinte, em 2002 a empresa passou a ter participação em 25% da concessão em *Georgetown*. Porém tal licença expirou dez anos depois (em 2012) e não foi renovada, sendo hoje de posse única da multinacional Repsol Exploracion S.A.

Vale ressaltar que no decorrer de sua atuação nas Guianas a empresa esteve envolvida em dois entraves geopolíticos. O primeiro envolvimento geopolítico foi solucionado em fevereiro de 2004, quando ocorreu um conteúdo internacional que atingiu áreas de interesse da empresa, na fronteira marítima entre Guiana e Suriname, influenciando de maneira indireta suas ações. Este foi resolvido no Tribunal Internacional sobre o Direito do Mar (ITLOS), em favor da Guiana seguindo

as posições vinculantes da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM).

O segundo envolvimento geopolítico se deu em 2004, quando a CGX adquiriu uma área adjacente à faixa de fronteira com a Venezuela, equivalente a 2,8 milhões de acres (cerca de 11.331Km²), porém a empresa não pode explorar em face da indenificação de fronteira marítima com o país vizinho. Fato que gerou conflito, este que envolveu de maneira direta a ação da empresa, pois tal área teve que ser revertida ao governo no ano 2012 em função da impossibilidade de exploração. Apesar de tais entraves a empresa não deixou de atuar em fronteiras marítimas, hoje está na fronteira da Guiana com o Suriname.

Antes do segundo envolvimento geopolítico, no ano em 2003, a empresa adquiriu licença da área Berbice através de uma subsidiária na Guiana (ON Energy inc.) que equivale à quantidade de 800 mil acres (cerca de 3237 Km²) em terra, pegando parte da costa da Guiana. No ano de 2009 a CGX fechou um arrendamento de 22 hectares para os anos seguintes, tal terreno seria estratégico, onde se pretendia a construção de um cais para o exercício de atividades logísticas, fato que permanece em fase de planejamento.

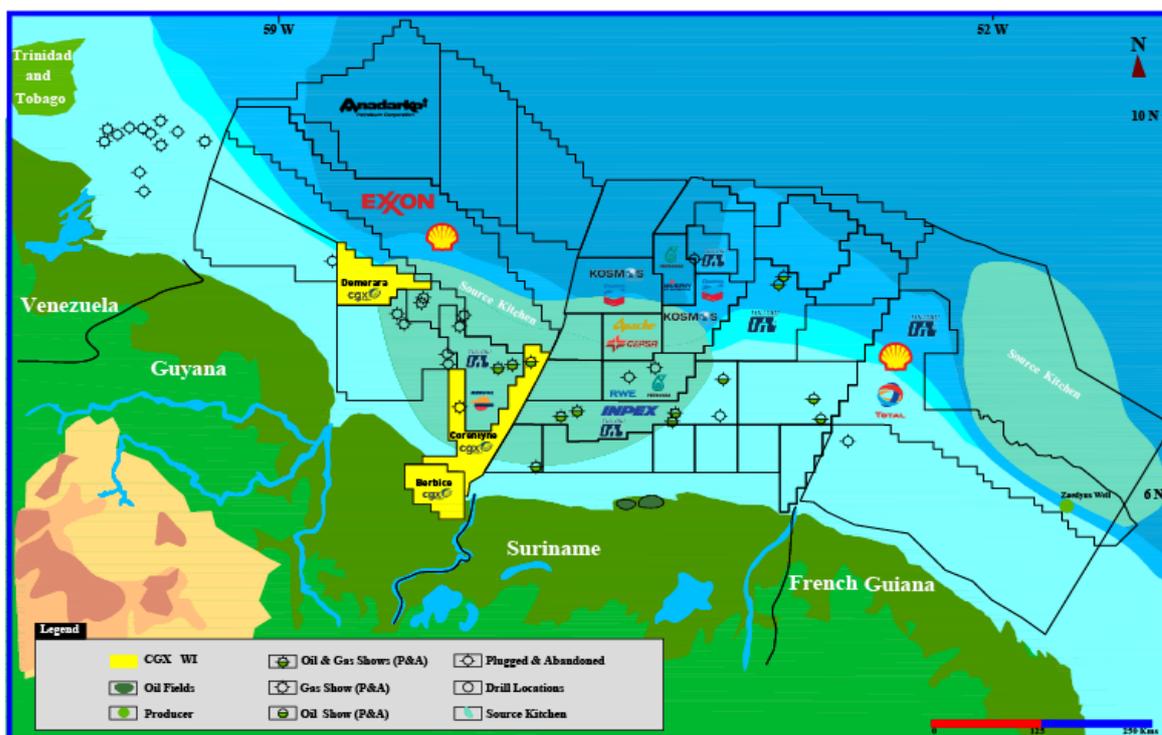
Também em 2009 a empresa participou da exploração de dois poços *offshore*, que foram abandonados em face da falta de sucesso. As perfurações foram: *jaguar-1* que fora perfurado na antiga licença Georgetown, este foi abandonado por questões de segurança e o *Eagle-1* na licença area Corentyne, que foi abandonado por ser um poço seco. Os acordos mais recentes entre a empresa e o governo da Guiana, foi o que renovou e ampliou a licença de Berbice para prospecção de petróleo também em terra e o de Demerara com algumas mudanças. As informações mais recentes podem ser retiradas do último News Release¹⁶ da multinacional, em janeiro de 2017, este informa a participação de um novo acionista, A JAPAN Drilling Co (JDC) que pegou 15% das ações da empresa, através de acordo para quitar parte de dívidas com um equipamento de perfuração (*Hakuryu-12* que serviria para tentar perfurar um poço em Corentyne, mas que não teve êxito).

Com isso, cabe agora para a análise das áreas específicas nas quais a empresa atua, são as partes em amarelo no mapa abaixo, Respectivamente:

¹⁶ Disponível em <www.sedar.com> acesso em 12/10/2017.

Demerara, Berbice e Corentyne (Figura 1). Tais areas estão sob-responsabilidade da empresa, e possuem um plano de atuação, em curto prazo. Com possíveis renovações de contrato, conforme o sucesso das operações.

Figura 1 – Áreas de exploração da CGX Energy(2017)



Fonte: CGX Energy Inc.¹⁷(2017)

Corentyne é a maior área e foi a primeira a ser adquirida, ainda em 1998. Em 27 de novembro de 2013 seu contrato foi renovado, sendo emitido um novo acordo de petróleo (PA) e uma nova licença para prospecção de petróleo (LPP). Válida pelo período de até 5 anos, sendo possível a renovação por mais 10 anos. Possui um plano de operações para os cinco anos posteriores e se tal obtiver resultados (objetivo maior é perfurar um poço com sucesso) poderá ser renovado em até pelo menos duas vezes.

Demerara é a área que representa o maior desafio, pois a empresa seria obrigada a perfurar algum poço de petróleo até 21 de julho de 2018. A tentativa de perfuração já até existiu, mas não teve resultados positivos em virtude dos altos custos. A área para exploração de petróleo Berbice é a que possui a maior extensão territorial (cerca de 3,295 km²). A renovação trouxe a obrigação de uma análise

17 Disponível em: <cgxenergy.ca/Home.aspx> Acesso em 12/10/2017.

geofísica em pelo menos 1000 km². O plano de operação e exploração para essa área compreende três períodos.

O primeiro seria o de quatro anos e estaria dividido em duas fases de 24 meses. A primeira fase foi cumprida, que era a análise geofísica do 1000km² e a segunda está vigente até 12 de fevereiro de 2018. Até tal período deve-se apontar um estudo de pelo menos 100 quilômetros de linha de Sísmica 2D, tratar e interpretar a mesma ou simplesmente perfurar alguma área de exploração, Tal Objetivo que certamente deve ser cumprido em virtude da simplicidade. Para tal área, se os objetivos (o objetivo maior de toda a operação é o de perfurar poços com sucesso) forem alcançados, tem-se o plano de renovação por até dois períodos de três anos.

A área para exploração de petróleo Demerara é a porção *offshore* de aproximadamente 3.975 km². Hoje está vigente o acordo de 12 de fevereiro de 2014, que estabeleceu um novo acordo de petróleo (PA) e uma nova licença para exploração de petróleo (PPL). Essa licença também dura até fevereiro de 2018, já que também tem a duração de quatro anos.

Nesse período inicial de quatro anos notam-se dois objetivos que deveriam ser alcançados dentro de 24 meses (2 anos). O primeiro (já foi alcançado) seria um levantamento 3D em escala marinha sísmica, consistindo em 3.000 km² e o segundo, que deve ser alcançado até fevereiro do próximo ano é o de perfurar um poço de petróleo. Se tal objetivo for alcançado o contrato será renovado por mais 5 anos.

Se todos os objetivos das avaliações e explorações forem alcançados a exploração possui um plano de renovação que pode durar até fevereiro de 2023. A Tabela 1 mostra as recuperações que já ocorreram em cada área. Recuperações não significativas, tendo em vista o insucesso nas operações até o momento.

Tabela1 – recuperação de despesas em cada área

	Corentyne	Berbice	Demerara	Total
31 de dezembro de 2014	12,380,590	5,000	5,572,222	8,027,812

As adições líquidas	1,593,211	45,000	1,324,325	297,911
Recuperação de despesas de exploração e avaliação .				4,625
31 de dezembro de 2015.	13,973,801	20,000	6,896,547	1,390,348
As adições líquidas	659,970	5,000	114,670	99,640
30 de junho de 2016	14,633,771	545,000	7,011,217	21,964,988

Adaptado de CGX Energy inc./ SEDAR¹⁸(2016).

Por tanto, é possível compreender que mesmo possuindo o controle de uma grande extensão do território guianense, a empresa trabalha no ramo da prospecção e avaliação, ainda não comercializando o produto, o que gera um saldo negativo na conta dos investidores, pois tais ações geram custos e são honerosas. A empresa segue apontando os blocos que estão sobre seu controle como fonte para o sucesso, tendo como base o potencial da região e as descobertas feitas por outras empresas como a Exxon Mobil Corporation, mesmo considerando situações diversas de risco dentre elas estão: que os preços atuais do petróleo são flutuantes, mudanças de câmbio, equilíbrio dos mercados, diversas adequações a leis e exigências governamentais, assim como se o produto será comercialmente viável no período posterior a descoberta (isso significa que no futuro as descobertas podem não ser rentáveis).

A companhia ainda afirma estar em um contexto de incerteza e de extrema dificuldade, Em toda a história de sua atuação já teve um déficit de \$287.585.473 e hoje não tem fluxo de caixa suficiente para atender suas necessidades, Sobrevivendo com seu capital de giro. Então segue apostando em iniciativas

¹⁸ Unaudited Interim Consolidated Financial Statements For the three and six-month periods ended June 30, 2016 and 2015. Disponível em <www.sedar.com> acesso em 11/12/2017. Valores em dólar canadense.

diversas. Como a emissão de novas ações, novos instrumentos para quitar dívidas, venda de ativos da empresa e a procura por financiamento. Tudo isso em um ambiente incerto de exploração, que a põe em situação complicada por depender, no momento do sucesso das operações na região para obter superávit e sair do momento complexo por qual passa.

5.2 Exxon Mobil Corporation

A empresa Exxon Mobil Corporation¹⁹, considerada de grande porte, é uma das gigantes mundiais não somente entre as empresas que trabalham na ramo dos hidrocarbonetos, mas entre todas as empresas de todos os setores. Situada na cidade de Irving no estado do Texas, Estados Unidos, a companhia surgiu em 30 de novembro de 1999, ano em que ocorreu a fusão entre as empresas Exxon e a Mobil, que dão nome a multinacional. A empresa Exxon era remanescente da *Standard Oil of New Jersey* ou somente *Jersey*, que foi uma dentre as quarenta e duas empresas em que se fragmentou da gigante Standard Oil (FUSER,2013).

No ano de 1972 a empresa mudou seu nome para *Exxon corporation*, contexto em que já operava no exterior com outra nomenclatura, fora dos Estados Unidos era conhecida como Esso. Depois que se desintegrou do império de John Rockefeller a empresa Jersey/Exxon foi impulsionada a explorar no exterior, já que no início do século XX não tinha fontes para explorar em seu território de origem. De início começou a explorar na Venezuela, México e no Oriente Médio. A Mobil também surgiu de uma herdeira ou remanescente da Standard Oil, a Standard Oil of New York. No ano de 1931 junto com a Vacuum Oil Company, outra remanescente da Standard Oil, formou a Socony Vacuum, que em 1966 passou a ser chamada de Mobil Oil Corporation (FUSER,2013).

Hoje a empresa é uma gigante do mercado de hidrocarbonetos e expandiu as operações no exterior, operando em mais de 200 Países²⁰, estando entre as maiores empresas do mundo, é quarta com maior valor de mercado como é possível ver na tabela 2, abaixo. Possui um valor de mercado em \$363,3 bilhões, no último ano teve aproximadamente \$197 bilhões de dólares em vendas e teve \$7,8 bilhões de lucro e atualmente tem \$342,2 bilhões em ativos, estando classificada no ramo

¹⁹ É importante destacar que a maioria das informações a respeito da empresa foram encontradas no seu site. disponível em: < <http://corporate.exxonmobil.com/> > Acesso em 27/12/2017.

²⁰ Informações obtidas do site da Exxon Mobil Disponível em: <<http://corporate.exxonmobil.com/en/company/about-us/history/overview>> acesso em 27/12/2017.

das empresas *Majors* do setor. Logo é possível dizer que é um competidor de alto nível no setor, o que facilita as operações por ter condições de assumir possíveis prejuízos com exploração.

Tabela 2 – Empresas com maior valor de mercado no Mundo (2017)

Apple	\$ 507,42 bilhões
Alphabet	\$ 500,1 bilhões
Microsoft	\$ 407,0 bilhões
Exxon Mobil	\$ 363,3 bilhões
Berkshire Hathaway	\$ 360,1 bilhões

Elaboração do autor com base em dados do Jornal O Globo²¹(2017)

Na Guiana, a empresa iniciou as operações no ano de 2008 com pesquisas e exploração e da mesma forma que a CGX ainda trabalha com pesquisa, avaliação e exploração, também tendo como estimulante. Mas, de modo diferente da empresa anterior já tem descobertas e já projeta futuras produções Off-shore. A primeira descoberta ocorreu em maio do ano de 2015, quando a empresa encontrou um poço considerável de petróleo na área, mais especificamente no bloco de exploração nomeado de Stabrok. A descoberta foi nomeada de Lisa e tem previsão de produção para o ano de 2020. Além dessa outras 4 descobertas ocorreram no mesmo bloco em anos posteriores: Payana, Lisa Deep, smoek e turbot, que foi a última descoberta.

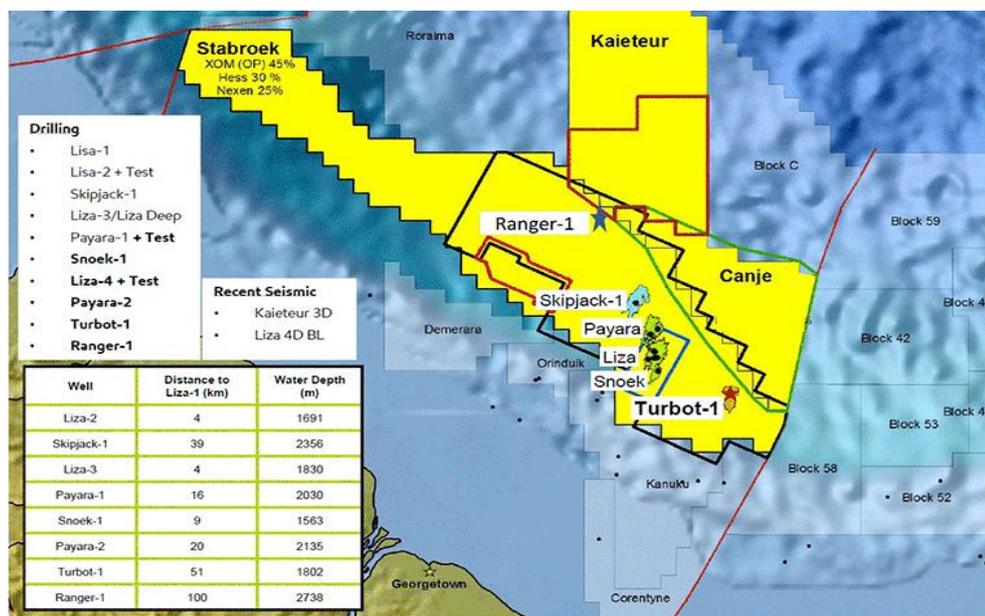
A petrolífera tem uma licença expedida pelo governo guianense em junho de 2017, que renovou o contrato entre as partes, permitindo que se explore por mais 5 anos. Na área quem representa a Exxon Mobil é a Exploration and Production Guyana Limited (EEOGL), sua filial com sede em Georgeown, onde possui 25 funcionários em que mais da metade são guianenses, fato que aliado ao estabelecimento de um centro para desenvolver negócios locais são uma iniciativa da companhia a fim de assegurar uma cidadania cooperativa que fora firmada para com o estado Guianense.

Esta empresa assim como a CGX Energy possui três licenças para a exploração de três blocos, todas com a mesma duração. Todas as licenças são para exploração off-shore como é possível ver na figura 2 abaixo. A primeira licença é

²¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/as-cinco-empresas-com-maior-valor-de-mercado-no-mundo-20835216>> acesso em 27/12/2017.

para o bloco Starboek, onde ocorreram as cinco descobertas, sendo a maior área com aproximadamente 26,000 km². Tal área tem sua posse dividida com outras empresas, ficando 45% para a EEPGL, 30% para uma companhia de nome Hess Guyana Exploration e 25% para outra de nome Nexem Petroleum Guyana Limited. A segunda licença é para exploração do bloco Canje, que também tem sua posse dividida com outras empresas, ficando 35% para a EEPGL, 40% para uma empresa de nome JHI Exploration e 25% para outra de nome Mind-atlatic. A última licença é para exploração do bloco Kaieteur, que fica ao lado dos outros dois blocos, sendo o mais distante, ficando a 250 Km da margem e assim como as outras têm sua posse dividida, em que a EEPGL fica com 50%, uma empresa de nome Ratio Guyana Limited com 25% e outra de nome Energy Limited com 25%.

Figura 2- Áreas de Exploração da Exxon Mobil (2017).



(Fonte: Exxon Mobil Corporation²²(2017))

Portanto, a empresa tem motivos para continuar a apostar na exploração na costa da Guiana. Seria possível indicar pelo menos dois dentre outros. O primeiro, que já fora apontado anteriormente, seria o próprio tamanho da empresa, que por já ser consolidada no mercado energético e ter um capital significativo, tem condições plenas de assumir os riscos de insucessos, que não são poucos. O segundo é o sucesso já obtido na região com as pesquisas e avaliações, os cinco poços

²² Disponível em: <<http://corporate.exxonmobil.com/en/company/worldwide-operations/locations/guyana/about-us/project-overview>> Acesso em 10/12/2017.

encontrados e a possibilidade de exploração de petróleo já em 2020 coloca a empresa em uma excelente posição entre as que atuam na região.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho pretendeu-se deixar claro o entendimento do que é energia e de sua importância para todos no ambiente internacional. É algo que emerge da própria necessidade humana e da dependência dos estados, que aumentou ao longo da história, mas que cresce em menor número hoje do que crescia no passado, fato que não retira a adequação desta como um recurso de poder fundamental, que a posse por si só não garante o poderio, como no caso da Venezuela e da Nigéria, mas que se aliada a um grau de tecnologia avançado e uma boa gestão será uma ferramenta essencial.

A geopolítica energética emerge dentro de uma nova conjuntura da geopolítica, que possibilita uma maior aproximação e maior utilização desta na área das relações internacionais, como forma de um novo entendimento, permitindo que conflitos e disputas do setor de energia em âmbito internacional sejam alcançadas por essa ciência.

Nesse enquadramento é indispensável a discussão do atual paradigma energético. Caracterizado pela presença de atores que se destacam, como a China, Estados Unidos, Rússia, Índia, Venezuela, tanto como consumidores, quanto fornecedores de matéria prima energética, não deixando de lado a principal matéria prima no ramo da energia, que é sem dúvida alguma o petróleo, Chegando ao ponto de ser possível dizer que a história da energia se confunde com a história da exploração de petróleo e que a posse de tal recurso é uma ferramenta fundamental de poder.

Nesse sentido, uma avaliação do posto de vista de especialistas sobre a possibilidade de alcançar o seu pico e chegar ao fim é importante. Chega-se a conclusão de que um dia isto ocorrerá, fato que já aceito por todos no sistema internacional, diferente de outras épocas, mas a mercadoria deve permanecer com aumento de oferta e longe de seu fim por muito tempo e quando findar o mundo deverá lidar com um novo ambiente, caracterizada pela eficiência energética e pela substituição de energia primária.

Falar dos atores também é fundamental dentro da geopolítica energética. Os estados, as organizações e as empresas são proeminentes para manter o

funcionamento do sistema internacional e no ambiente energético não é diferente. Os estados como atores principais, pela soberania que possuem, bem como o poder de tomar decisões a níveis internos e externos, com vistas a garantir o abastecimento energético de sua população. As organizações como organismos que, apesar de dependerem de outros atores para existirem, exercem papel no compartilhamento de informações e na tomada de decisões conjuntas a níveis internacionais sobre energia. E as empresas, que são atores secundários aos estados, mas que não deixam de ser fundamentais para a comercialização, exploração e distribuição de energia.

Dentro do contexto empresas, vale destacar que existem pelo menos 2 classificações para elas. A primeira é se é estatal ou privada, no caso das empresas trabalhadas aqui, ambas são empresas privadas. A segunda quando ao tamanho, se é uma empresa *Junior* do ramo energético ou se está entre as *Majors*. No caso das empresas abordadas, a *CGX Energy* é uma empresa de pequeno porte, portanto *Junior* e a *Exxon Mobil* de grande porte, por tanto uma *Major*.

Por fim, a apresentação e análise das empresas do setor de hidrocarbonetos permitiu que se veja a realidade que põe em patamares diferentes uma empresa considera pequena e uma empresa de grande porte. A partir disso é possível destacar as Dificuldades para pequenas empresas no mercado internacional, que é de competição e em que somente os melhores sobrevivem, por terem um maior grau de investimento disponível e o acesso as melhores tecnologias existentes.

Esse Fato é notório na relação de competição entre as empresas exploradas na pesquisas. Enquanto a *CGX Energy* está mais próxima de falir, por ser nova no mercado e por depender de algo que envolve um alto risco para ser bem sucedida, a ponto de gastar muito dinheiro e passar a depender do capital de giro, já que não se tem lucro e mesmo que ele venha a existir seria algo para acontecer a longo prazo.

por outro lado a *Exxon Mobil* está longe de preocupações com isso, pois já é uma empresa consolidada no mercado, que já tem uma margem de lucro satisfatório, que não depende somente da região das guianas para sobreviver, que tem a capacidade financeira de lidar com perdas e com insucesso, que tem acesso a uma tecnologia de maior qualidade e que além disso já tem sucessos na região das

guianas, apesar de ainda não comercializar matéria prima da região, mas que tem planos para isso nos próximos anos(2020).

Desta forma é notório que, geralmente, somente as grandes empresas com alto grau de investimento se destacam no cenário energético. Logo, Dentro do ambiente de comércio, em que se cria um contexto de competição, geralmente as empresas *Majors*, com alto grau de internacionalização, altos investimentos em tecnologias de ponta e logística para distribuir produtos é que se destacam e são bem sucedidas no setor de exploração e avaliação, a exemplo da Exxon Mobil e ao contrário da CGX Energy, que não é uma empresa consolidada e depende da exploração nas guianas para obter sucesso, além de não deter condições de assumir possíveis perdas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Evandro Vieira. **A Matriz Energética Mundial e a Competitividade das Nações: Bases de uma Nova Geopolítica**. Engevista. 2007. Disponível em: < http://www.uff.br/engevista/9_1Engevista5.pdf> acesso em:10/12/2017.

CARVALHO, Joaquim. **Energia e Sociedade**. Estudos Avançados. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000300003> acesso em:07/12/2017

CORREIA, Pedro de Pezarat. **Geopolítica e Geoestratégia. Nação e Defesa**. 2012. Disponível em: < https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7670/1/NeD131_PedroPezaratCorreia.pdf> acesso em:07/12/2017

COUTINHO, Felipe. **O fracasso da gestão das multinacionais do petróleo e as lições para a Petrobrás**. 2016. Disponível em: < https://felipecoutho21.files.wordpress.com/2016/06/o-fracasso-das-iocs_por-felipe-em-jun16.pdf > acesso em:04/12/2017

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PETRÓLEO DA UNICAMP. **O que é Petróleo?** Unicamp. 2016. Disponível em: < <http://www.dep.fem.unicamp.br/?q=pt-br> > acesso em:28/11/2017

FERNANDO, Pimentel **O Fim da Era do Petróleo e a Mudança do Paradigma Energético Mundial: Perspectivas e Desafios Para a Atuação Diplomática Brasileira**. FUNAG. 2011. p.24-76. Disponível em: <

http://funag.gov.br/loja/download/838Fim_da_Era_do_Petroleo_e_a_Mudanca_do_Paradigma_Energetico_Mundial_O.pdf> acesso em:20/11/2017

FUSER, Igor. **Energia e relações internacionais**. 2.ed. são Paulo. Saraiva.

HEINBERG, Richard. **The Party's Over: Oil War and Industrial Societies**. New Society Publishers. 2005. P. 204-220. Disponível em: <https://archive.org/details/fe_The_Partys_OverOil_War_and_the_Fate_of_Industrial_Societies> acesso em:10/11/2017

LINS, Hoyêdo Nunes. **Goeconomia e geopolítica dos recursos energéticos no capitalismo Contemporâneo: o petróleo no vértice das tensões internacionais na primeira década do século XXI**. 2009. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000200028&script=sci_arttext> acesso em:10/11/2017

MARTINS, Raul. **Geopolítica e Geoestratégia: O que são e para que servem? Nação e Defesa**. 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1585/1/NeD78_RaulFrancoisMartins.pdf> acesso em:03/12/2017

MAUGERI, Leonardo. **The Geopolitics of Energy Project. Oil: The Next Revolution**. Havard Kennedy School. 2012. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/project/geopolitics-energy-projec>> acesso em:08/12/2017

METRI, Paulo. **Pré-Sal: Riqueza, Poder e Discórdia**. World Tensions. 2009. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Pr%C3%A9-Sal%3A+Riqueza%2C+Poder+e+Disc%C3%B3rdia&rlz=1C1AVNG_enBR761BR761&oq=Pr%C3%A9-Sal%3A+Riqueza%2C+Poder+e+Disc%C3%B3rdia&aqs=chrome.69i57.1091j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> acesso em:20/11/2017

OLIVEIRA, Lucas Kerr de. **Energia Como Recurso de Poder na Política internacional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas. Doutorado em Ciência Política. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/76222>> acesso em:10/11/2017

OLIVEIRA, Lucas Kerr de. **Geopolítica Energética dos Países Emergentes**. I Seminário de Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/OLIVEIRA->

2015-Geopol%C3%ADtica-Energ%C3%A9tica-dos-Pa%C3%ADses-Emergentes.pdf > acesso em:10/11/2017

SACHS, Ignacy. **A Revolução Energética do Século XXI**. Estudos Avançados. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n59/a03v2159.pdf> > acesso em:10/11/2017

SATO, Eliti. **A agenda Internacional Depois da Guerra Fria: Novos Temas e Novos Percepções**. Revista Brasileira de Política Internacional. 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n1/v43n1a07.pdf>> acesso em: 04/01/2018.

Secondary Energy Infobook. 2017. Disponível em: <[http://www.need.org/files/curriculum/guides/Secondary%20Energy%20Infobook.p](http://www.need.org/files/curriculum/guides/Secondary%20Energy%20Infobook.pdf)df >Acesso em: 13/12/2017.

MARQUES, Leonel & AFONSO, Miguel Selitto. **Uso da Energia ao Longo da História: Evolução e Perspectivas futuras**. 2011. Disponível em: < [http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2012,%20n.%2017%20\(2011\)/1.%20Uso%20da%20energia%20ao%20longo%20da%20hist%20F3ria.pdf](http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2012,%20n.%2017%20(2011)/1.%20Uso%20da%20energia%20ao%20longo%20da%20hist%20F3ria.pdf)>Acesso em: 21/12/2017.

Documentos:

CORPORATE PRESENTATION EXPLORING FOR OIL & GAS IN GUYANA. De maio de 2015. Acesso em: 10/10/2017.

NEWS RELEASE CGX ENERGY INC. (TSX-V | OYL) *January 21, 2016*. Acesso em: 13/12/2017.

INTERIM MD&A – *Quarterly Highlights (the “Quarterly Highlights”) For the three and six-month periods ended June 30, 2016*. Acesso em 10/10/2017.

UNAUDITED INTERIM CONSOLIDATED FINANCIAL STATEMENTS. Acesso em 10/10/2017.

Sites:

-<http://www.sedar.com>.

-cgxenergy.com.

-<http://corporate.exxonmobil.com>